

Considerações Finais

O interesse de Freud em articular o eu com o coletivo parece ter sido o mote fundamental do texto “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996). Através do fenômeno de grupo, Freud observa uma série de qualidades inerentes ao ajuntamento de pessoas. Para Le Bon, tais características concentram-se na idéia de “mente ou alma coletiva” e se justificam pela existência do inconsciente racial. Para Le Bon, o inconsciente racial é uma herança primitiva comum que veícula todos os seres de uma mesma raça.

A observação da presença de atributos permeáveis na massa sinaliza para a influência recíproca entre os membros do grupo da qual Freud sublinha pelo contágio. Mas este é apenas mais um dado descritivo. Falta aí um elemento fundamental que aciona essa ligação tão intensa de uns com os outros. É através do conceito de sugestão decantado do contágio, que Freud infere a presença de um ser privilegiado que seria o responsável pelo fascínio dos membros do grupo. A forma da massa se faria então a partir dos anseios de Um. A massa então, revela-se uma estrutura maleável e dependente. Para Freud a massa engendra a premissa de uma figura causadora que enlaça os membros de um grupo. O líder é o personagem que exerce esse papel.

A presença de um líder na massa decorre na observação do apagamento de um ego distinto, que subordinado às vontades do primeiro mistura-se aos outros, homogeneiza-se. Contudo, notamos que tal característica, ressaltada por um eu diáfano é consequência da própria operação que funda o ego numa unidade múltipla, permeada pela presença do Outro.

Tomando como proposição: “um grupo é um número de pessoas que colocou o mesmo objeto como Ideal do eu” (Freud, 1921/1996, p.), Freud adverte para a premência da identificação como operação lógica da massa. É dessa forma, os membros passam a compartilhar um objeto comum que lhes une numa espécie de fraternidade homogênea.

A personificação do Ideal do eu ascende uma tentativa de regresso a um tempo mítico em que o ego era livre das amarras do superego. O primitivismo homogeneizante, como idéia fundamental da massa, aponta para o narcisismo, fase de investimento libidinal do ego nele próprio. Esta etapa alude ao júbilo do ego num vislumbre de completude que não chama à cena os objetos, uma vez que o ego se basta. Resulta daí, que o agrupamento, longe de ser uma possibilidade de laço, imaginariza as relações numa agremiação rígida e frágil, na qual o Outro consistente não negocia.

Uma parte da teoria lacaniana que retoma o narcisismo está no texto “o estádio do espelho como formador da função do eu” (1949). Neste Lacan aponta para o paradoxo de um ego narcísico. A construção de uma imagem unificada do ego é dada por uma imagem que a princípio é estranha. Não é o reflexo do espelho que veste um ser de contorno corporal, mas sim a aferência do Outro. É preciso que o Outro esteja em cena para que um ego emerja. Lacan confere então que a dimensão simbólica já está colocada ainda neste estágio prematuro. É a presença de uma alteridade transcendente ao ego que faz com que o sujeito se identifique à *sua* imagem.

A dispersão da multidão representa a impossibilidade de inclusão do simbólico, da falta e das diferenças. Digamos que o liame formado no grupo é opaco, consistente, e por isso extremamente precário. A solidez de um grupo possui como característica a evanescência do laço social, este último enquanto operação fundada pela hiância que faz advir um sujeito descompleto.

A inserção do registro simbólico como operador do laço, foi notadamente descrito por Freud e Lacan ao tratarem do Complexo de Édipo. Na dinâmica do romance familiar, é pela introjeção do pai, enquanto lei, que o sujeito castrado volta-se para o mundo. Por outro lado, a representação do Pai onipotente pelo líder personifica o Ideal do eu que falseia um ser *todo* poderoso. O ideal do eu serve apenas como horizonte para o ego; ele é vislumbrado, porém nunca alcançado.

Ao encarnar o Ideal, o líder exerce um imenso fascínio nos membros do grupo; ele ascende a possibilidade de existência fatídica do Ideal: uma projeção narcísica de completude. Ou seja, se alguém pode revestir-se deste poder, é porque este ser não fora castrado, e conseqüentemente os membros do grupo também não precisam ser. Ninguém se encontra aí subordinado ao superego.

Na tentativa de retomar o estudo do grupo, Lacan utiliza a análise de Freud acerca do fenômeno de massa para a formalização do pequeno grupo lacaniano denominado cartel. Este dispositivo, inventado para a transmissão da psicanálise na escola lacaniana, encerra uma série de considerações que previnem e tratam as consequências decorrentes da massa. A experiência de Bion durante a segunda guerra mundial serve como inspiração para a construção do cartel. Os grupos bionianos articulam na tarefa comum um produto singular que representa a saída particularizada do sujeito frente ao impasse coletivo e do coletivo. Laurent (1998) destaca nesta experiência a possibilidade de incluir **no grupo** o mal-estar causado justamente pelo coletivo universal. Um grupo onde cabe todo mundo, onde a segregação - antes exclusão - aciona o jeito particular de cada um estar no laço.

No cartel, Lacan denominou de *mais-um* a figura responsável por trabalhar para descompletar o grupo. A ele cabe a tarefa de assegurar que o cartel não se revista com as qualidades da massa, não permitindo que a *falta*, falte; por isso seus atributos o caracterizam como *menos-um*. A presença do *mais-um* faz vacilar o saber como atributo de densidade do Outro. Ao fornecer todas as respostas, o Outro elide o sujeito enquanto resultado da operação que articula dois significantes, S1 e S2. Esta operação, graças a lei que barra o Outro, falha e deixa um resto que marca a divisão do sujeito, S.

A Associação Digaí-Maré toma a experiência do cartel como parâmetro para fundar sua práxis. O pequeno grupo lacaniano aponta para o fato de que não necessariamente um grupo fará massa. A premissa de que no pequeno grupo lacaniano os efeitos da massa podem ser tratados, nos leva a considerar o cartel como uma possibilidade de artifício clínico. O mal-estar generalizado é resultado do conflito entre a busca do sujeito por sua singularidade e a tentativa de incluir-se no coletivo. O grupo clínico de orientação psicanalítica introduz e atesta a dimensão da alteridade. Dessa forma descompleta a característica da homogeneização da massa. Ao invés de suturar os membros, o trabalho do cartel busca o laço pela diferença, pelo inassimilável.

O primeiro caso clínico do Digaí-Maré abordado nesta dissertação ilustra a problemática da massa no grupo. Tentamos ilustrar neste as dificuldades inerentes ao trabalho que intenciona incluir o particular. A emergência de um líder, quando falha, logo aciona a segregação. Encontra-se aí toda a delicadeza da tentativa do clínico em exercer a função de *mais-um*. Seu trabalho pode rapidamente se voltar

contra suas intenções e culminar na saída de alguém do grupo ou ainda na sua dissolução. Será preciso fazer as vezes de líder em algum momento? Escandir um tempo de espera para descompletar?

O segundo caso ilustra como a tarefa comum pode facilitar o trabalho do clínico, deixando a premência do líder para segundo plano. A tentativa de um dos participantes de ocupar um lugar privilegiado através do saber, não vinga. Ele também participa do grupo construindo com a massinha. Tal participação faz com que seu saber materializado nos bonecos, quase iguais aos originais, possa circular nas mãos dos outros que oferecem outro destino para seus produtos e seus restos. A circulação permite que um outro participante construa a partir de um boneco quase perfeito o seu boneco capenga, divertido que diverte os outros. Um produto final que traça outro destino para o seu sintoma.

Nessa ilustração, apontamos para a possibilidade de inclusão do singular no grupo. Sabemos que esta não é uma tarefa fácil, mesmo com a configuração do clínico enquanto *mais-um*. Esta função não é resolutive, mas indica pequenas preciosidades para a nossa práxis, tal como também fazem a tarefa e o produto.

E assim, de pepita em pepita, o trabalho do Digaí-Maré abre a cada membro do grupo a possibilidade de lavrar sua própria escrita. Essa foi a minha.